

Gomes e Antônio Austregésilo, a *Máscara* e a *Delenda Cartago*, de que circularam poucos números, a *Meridional*, de Elísio de Carvalho, muito bem impressa e com excelente colaboração, a *Ateneida*, dirigida por Trajano Chacon e em que Hélios Seelinger revela-se um grande ilustrador, a *Revista Contemporânea*, já mencionada e que conseguiu chegar ao terceiro ano de existência.

Esse impulso espalhou-se pelos Estados: apareceram umas dez revistas simbolistas, em Curitiba, como *Breviário*, de Romário Martins e Alfredo de Carvalho; *Turris Eburnea*, de Aluísio França; *Acácia*, de Dario Veloso; *Victrix*, de Emiliano Pernet. Em Belo Horizonte apareceria, em 1902, *Horus*, de Álvaro Viana. Na Bahia, a *Nova Cruzada*, que circulou de 1901 a 1911, sucedida por *Os Anais*, sob a direção de Álvaro Reis. No Rio, a revista mais importante do grupo simbolista, depois da *Revista Contemporânea*, foi a *Rosa Cruz*, que circulou de junho a setembro de 1901, com quatro números apenas, mas teve segunda fase, entre junho e agosto de 1904, em que tirou três números, dirigida por Saturnino Meireles e com a colaboração de Luís Delfino, Cabral de Alencar, Rafaelina de Barros, João Andréia, Colatino Barroso, Carlos Góis, Archangelus de Guimarães, Alphonsus de Guimaraens, Miguel Melo, Amadeu Amaral, e, na segunda fase, de Flávio do Silveira, Mário Tibúrcio, Heitor Malaguti, Bernardes Sobrinho e Roberto Gomes. Em S. Paulo aparecia, em 1901, a *Arcádia Acadêmica*, de curta duração, como *A Musa*, de 1905, em que escreviam Júlio Prestes, Mário Porto, René Thiollier; a *Imprensa Acadêmica*, de Vilalva Júnior, Ricardo Gonçalves e Adriano Marrey, passando a chamar-se, em 1907, *Revista Nova*, com a colaboração de Flexa Ribeiro, Rodrigues Dória, Tito Franco, Arlindo de Lelis. Em Cromo, começaria a sua carreira literária Afonso Schmidt. Em 1903, numa cidade do interior, Pindamonhangaba, circularia *O Minarete*, fundado por Benjamim Ribeiro, com a colaboração de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, circulando até 1907, ano em que surgia, na capital do Estado, a revista literária ilustrada *A Vida Moderna*. Na segunda década do século, as revistas de letras alcançam influência maior, mas têm já características diferentes: circulou de 1911 a 1917, *O Pirralho*, dirigido por Dolor de Brito e Oswald de Andrade, humorístico, social e político, além de literário, e em que Alexandre Marcondes Machado celebrizaria o pseudônimo de Juó Bananere; em 1913, dirigida por Gelásio Pimenta, apareceu *A Cigarra*, mundana além de literária; em 1916, em nova fase, reapareceria a *Revista do Brasil*, estritamente literária, apresentando-se com a “deliberação, a vontade firme de constituir um núcleo de propaganda nacionalista”.

Mas o ambiente literário era apagado, monótono, pobre, com o deca-